

11 DE SETEMBRO: UMA DATA EM CONSTRUÇÃO

A partir de 2001, a data de hoje virou “O 11 de setembro”. É agora uma data mundial. Todas as grandes mídias se agendaram, assegurando a rememoração daquilo que tem sido chamado de “Os acontecimentos de 11 de setembro”.

Os jornais brasileiros não fogem à regra, também neles o “11 de setembro” é manchete principal. Alguns trazem cadernos especiais, a mídia televisiva abre espaços extraordinários para recordar o dia, as rádios seguem o mesmo procedimento. Na agenda política nacional há pronunciamentos e acontecimentos específicos que marcam a inserção do tema entre as nossas preocupações. É assim que avivamos a memória e nos associamos a um sentimento global

As mídias realizam um trabalho que, no produto, funciona como uma campanha contra o esquecimento dos acontecimentos de 11 de setembro. As instituições, por sua vez, produzem fatos novos, programados, destinados a serem imagens para falar desse dia. De acordo com A Folha, às 8 horas e 46 minutos (9h46 de Brasília), instante em que o primeiro avião atingiu a torre em Nova York, haverá um minuto de silêncio. Em seguida, “Giuliani passa a lista das 2.801 vítimas para o ator Robert De Niro, que repassa para a senadora e ex-primeira-dama Hillary Clinton e uma série de outras personalidades e parentes até que seja lido alto o nome do último morto, Igor Zukelman, 29”.

A matéria descreve como serão os fatos relativos à programação oficial e revela que ao

lado destes há uma série de outros eventos programados: só na região de Nova York e Nova Jersey há pelo menos 3.000 homenagens planejadas.

Entre os significados construídos para a data está aquele que provoca medo. Tratado como um dia de risco, a mídia revela que estão sendo tomadas providências em diversas partes do mundo, especialmente no sentido de proteger alvos americanos.

Uma outra fachada para o 11 de setembro é aquela caracterizada pela reflexão. Construída especialmente através dos editoriais, ergue-se uma face que reúne elementos díspares e ricos para explicações dos fatos. Para a construção dessa imagem são utilizados, como recursos, certas porções de tempos que antecedem aquelas graves ocorrências, combinadas, muitas vezes com revelações a respeito de um mundo que se tornou “consensualmente” adversário do Ocidente. Aí são identificados elementos relativos à relação entre os Estados Unidos e o, já convencionalmente chamado, mundo árabe. Um exemplo disso, encontra-se no jornal A Tarde, num artigo assinado por Noam Chomsky, intelectual que já publicou em 2001 um livro intitulado 11 de setembro.

Crítico do neoliberalismo, o autor de *O lucro ou as pessoas?* rebate uma das imagens que têm sido usadas para explicar o comportamento dos árabes em relação ao mundo americano: eles detestariam as liberdades. Para Chomsky, ao contrário, esta é uma versão de “pessoas que gostam dos

americanos e que admiram muito os EUA, incluindo suas liberdades. O que eles detestam são as políticas oficiais que lhes negam as liberdades a que também aspiram”. Com argumentos dessa natureza o lingüista adota uma chave de leitura que implica os Estados Unidos enquanto parte da explicação para os acontecimentos de que foram vítimas, fazendo ver que este país dispõe de razões internas, como por exemplo, “o apoio americano a regimes brutais e corruptos”. E chama a atenção para o fato de que “devemos estar conscientes de que boa parte do mundo vê Washington como um regime terrorista. Nos últimos anos, em diversos países, os Estados Unidos se envolveram em ações – ou as apoiaram – que entram na definição oficial americana de “terrorismo”, isto é, quando os americanos aplicam esses termos ao inimigo”.

Em outros espaços são feitos balanços que situam as partes do mundo depois de 11 de setembro de 2001. Por esse ângulo é concebida a imagem de mundo novo saído das cinzas daquela tragédia. Tem-se a impressão de que as torres gêmeas eram nossas, de todos nós. E assim se apresentam quando não mais podemos

reivindicar nada além de sua falta. Tornam-se de todos os homens quando é pura imagem. Quando estavam de pé, nosso poder sobre elas era pura ilusão. Para nós, há uma coincidência entre a sua inscrição em nossas posses e sua destruição. Enfim, elas chegam para a nossa intimidade, para nosso calendário, sob forma de passado, para termos na memória.

Se é assim que as temos, podemos oferecer-lhes a nossa face, construindo, também, as imagens que fazemos a partir daqueles fatos, daquelas fotos, daquelas cenas editadas pelos canais de televisão.

Como é possível perceber, o dia de hoje é um intervalo aberto à construção de sentidos. Uma data exposta à geração de imagens, enfim um dia que está sendo tecido, criado, inventado. Tempo em que o prefeito de Nova York não quer que seja feriado, de acordo com a Folha da São Paulo: 11 de setembro não é nem será feriado nacional. Bloomberg foi intransigente na defesa de que deveria ser um dia “patriótico”, sem folga, e Bush aceitou. Não gostaria que as pessoas aproveitassem a data no futuro para tomar sol na praia.

Podemos ver um conjunto de esforços para a produção do sentido central, hegemônico, de um passado que está muito próximo. É bom recordar, nessa oportunidade, a posição de Halbwachs, referida por Ecléa Bosi no livro *Memória e Sociedade*: na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho.”

Quem sabe possamos construir com imagens e idéias de hoje o nosso significado para a queda das torres gêmeas? Quem sabe, em nossa reconstrução, possamos fazer um nexos entre as mortes silenciadas, forjadas pela violência cotidiana, e os corpos que se tornaram inexumáveis diante dos destroços das torres? Talvez possamos falar da impossibilidade de registrar todas as faltas e que, em vez deste registro, surgem os representantes da ordem para indicar aos que restam que as regras continuam valendo.